

# Um olhar ao ambiente contemporâneo e a arquitetura de resistência de Álvaro Siza

## A look at the contemporary environment and the resistance architecture of Álvaro Siza

## Una mirada al entorno contemporáneo y a la arquitectura de resistencia de Álvaro Siza

*Ruth Verde Zein, doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie – FAU-PPGAU-UPM.*

*E-mail: ruth.zein@mackenzie.br  <http://orcid.org/0000-0003-0923-4914>*

*Luiz Alves dos Santos Neto, mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie – FAU-PPGAU-UPM.*

*E-mail: luizneto003@gmail.com.br  <http://orcid.org/0000-0002-1845-9333>*

**Para citar este artigo:** ZEIN, R. V.; SANTOS NETO, L. A. Um olhar ao ambiente contemporâneo e à arquitetura de resistência de Álvaro Siza. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 21-35, 2023.

DOI 10.5935/cadernospos.v23n1p21-35

**Submissão:** 2022-06-02

**Aceite:** 2022-10-27

### Resumo

Este artigo considera como a arquitetura do português Álvaro Siza insere-se no ambiente contemporâneo, tendo como base teórica de reflexão três obras literárias e/ou cinematográficas: os livros *Design with nature*, de Ian McHarg (1969), *O império*



*ecológico, ou a subversão da ecologia pelo globalismo*, de Pascal Bernadin (2015), e o documentário *Urbanized* (2011), de Gary Hustwit. A sequência cronológica das obras enfatiza a escalada das degradações sofridas pelo meio ambiente e de como essas afetam os seres humanos. Os livros e o filme discutem problemáticas contemporâneas em relação a uma gama de assuntos que vão da globalização a casos específicos, da neurose urbana e suas desconformidades em relação às experiências lúdicas da infância, do urbano ao campo, numa amplitude de temas dos quais pontuaremos alguns aspectos. A partir dessa abordagem, a atitude projetual do arquiteto português parece estar alinhada aos conceitos de preservação dos espaços preexistentes, respeitando as manifestações dos seres humanos perante o lugar, mitigando os impactos civilizatórios nos ambientes natural e construído. O artigo ressalta a importância da pluralidade da formação de arquitetos e urbanistas diante da necessidade de atuar e lidar com os complexos aspectos da trama sociocultural de nossos dias.

**Palavras-Chave:** Regionalismo crítico; Urbano e natural; Ambiente construído; Globalização; Massificação.

### Abstract

This article considers how the work of the Portuguese architect Álvaro Siza is inserted into the contemporary environment, having as the theoretical basis of reflection three literary and/or cinematographic works: the books *Design with nature*, by Ian McHarg (1969), *The Ecological Empire or the subversion of ecology by Globalism*, by Pascal Bernadin (2015), and the Documentary *Urbanized* (2011), by Gary Hustwit. The works' chronological sequence emphasizes the escalating degradation suffered by the environment and how this affects human beings. The books and the film discuss contemporary problems concerning a range of issues ranging from globalization to specific cases, from urban neurosis and its disconformities with the playful experiences of childhood, from urban to rural, in a range of themes of which we will punctuate some aspects. From this approach, the Portuguese architect's design attitude seems to be aligned with preserving pre-existing spaces, respecting the manifestations of human beings before the place, and mitigating the civilizing impacts on the natural and built environments. The article emphasizes the importance of plurality in the formation of architects and urban planners, given the need to act and deal with the complex aspects of the sociocultural weave of our days.

**Keywords:** Critical regionalism; Urban and natural; Built environment; Globalization; Massification.

### Resumen

Este artículo considera cómo la arquitectura del arquitecto portugués Álvaro Siza se inserta en el entorno contemporáneo, teniendo como base teórica de reflexión tres obras literarias y/o cinematográficas: los libros *Diseño con la naturaleza*, de Ian McHarg (1969), *El imperio ecológico o la subversión de la ecología por el globalismo*, de Pascal Bernadin (2015), y el documental *Urbanizados* (2011), de Gary Hustwit. La



secuencia cronológica de las obras pone de relieve la degradación creciente que sufre el medio ambiente y cómo ésta afecta al ser humano. Los libros y la película discuten los problemas contemporáneos en relación con una serie de temas que van desde la globalización hasta casos específicos, desde la neurosis urbana y sus inconformidades en relación con las experiencias lúdicas de la infancia, desde lo urbano hasta lo rural, en una serie de temas de los que señalaremos algunos aspectos. A partir de este enfoque, la actitud proyectual del arquitecto portugués parece alinearse con los conceptos de preservación de los espacios preexistentes, respetando las manifestaciones del ser humano ante el lugar, mitigando los impactos civilizatorios sobre los entornos naturales y construidos. El artículo destaca la importancia de la pluralidad de la formación de los arquitectos y urbanistas, ante la necesidad de actuar y tratar los complejos aspectos de la trama sociocultural de nuestros días.

**Palabras Clave:** Regionalismo crítico; Urbano y natural; Entorno construido; Globalización; Masificación.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre como a obra de Álvaro Siza insere-se nos ambientes contemporâneos. A leitura será feita partindo da argumentação de que a obra do arquiteto português representa resistências aos fenômenos de universalização e massificação, e que podem ser identificadas, em seu conjunto de obras, ações projetuais sensíveis e respeitadas às regiões e aos territórios onde se inserem.

Para refletirmos sobre as ambiências contemporâneas é importante retomar, ainda que brevemente, alguns aspectos das gêneses modernas. Na segunda metade do século XX, com mais ênfase, os debates arquitetônicos da etapa crítica do modernismo já mostravam uma atitude de inconformidade, e a busca de melhor compreender as necessidades explicitadas pelos usuários. O pensador francês Paul Ricœur, na obra *Universal civilization and national cultures*, de 1961, já alertava que o fenômeno da Universalização, apesar do progresso da humanidade, significava também um modo de destruição de culturas tradicionais, daquilo que ele chamou de “núcleos éticos e míticos da humanidade”.

Ao discutir a expressão “regionalismo crítico”, em seu livro *História crítica da arquitetura moderna* (2015), e antes, por meio de sua obra *Towards a critical regionalism: six points for an architecture of resistance* (1983), Kenneth Frampton, historiador e crítico de arquitetura inglês, radicado nos Estados Unidos, parte de um diálogo com Ricoeur. Para quem, como mencionado, a universalização ou a civilização mundial em curso estaria fomentando a erosão ou o desgaste dos recursos culturais acumulados no decorrer da história das nações. Diante disso, o pensador francês questiona a necessidade de descartar o antigo para integrar o desenvolvimento e modernismo. De um lado, a construção das “identidades



nacionais” busca enraizar-se no passado; de outro, o pensamento moderno demanda tecnicismo racional – frequentemente, em detrimento dos aspectos culturais tradicionais. Com base nesse paradoxo, Frampton, considerando que o processo de universalização cultural parece ser irreversível, busca no termo “regionalismo crítico” definir uma espécie de “escola”, que aspira atingir maneiras de ativar a “independência cultural, economia e política” (FRAMPTON, 2015, p. 382).

A expressão “Regionalismo Crítico” havia sido cunhada por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre em 1981, no ensaio *The grid and the pathway* (NESBITT, 2008, p. 520; p. 539), ao comentar esse termo pela ótica de Tzonis e Lefaivre, afirma:

[...] esse tipo de visão crítica é bem-sucedido na arquitetura quando uma construção é “autorreflexiva, autorreferente e contém, além das mensagens explícitas, metamensagens implícitas”. A noção de região desses autores não é estática ou fechada. Sua visão do regionalismo crítico difere também de outros regionalismos anteriores, a não ser pelo interesse comum em torno do lugar e pelo emprego de elementos arquitetônicos locais para confrontar uma arquitetura universalizante [...] sua forma poética geral é o projeto específico que parte do regional, das limitações que produzem lugares e representações coletivas em determinadas áreas.

Montaner (2017, p. 111) ressalta que, na década de 1960, surgiu uma grande diversidade de posições arquitetônicas convivendo simultaneamente, sendo algumas delas, por vezes, contrapostas, como era o caso de certas correntes fundamentalistas ávidas por resgatar valores históricos e avessas ao experimentalismo tecnológico em prol do vanguardismo. Simultaneamente, proposições a favor de uma arquitetura alternativa e ecológica resistiam ao desenvolvimentismo. Segundo esse autor, ao longo dos anos de 1970, foi-se disseminando uma maneira de fazer arquitetura bastante enraizada na história (MONTANER, 2017, p. 180), para garantir a comunicação com as pessoas usuárias desses espaços, buscando retomar a capacidade significativa dessas arquiteturas.

O debate entre o tradicional e o contemporâneo já ocorria, de forma peculiar, em Portugal, diante das contradições impostas pelo regime salazarista (1933-1974), o “Estado Novo” português, resultando em crises e em relativo atraso socioeconômico do país, em relação ao restante da Europa Ocidental. Esse isolamento nunca foi totalmente impermeável, dando oportunidade ao surgimento da Escola do Porto, tendo nas figuras de Fernando Távora e de Álvaro Siza seus maiores expoentes. Em uma atitude pragmática e de reconciliação com a vontade nacionalista, mas simultaneamente, com as buscas internacionais, esses arquitetos e a escola que foram definindo se caracterizou pela busca e valorização de características específicas do território, reconhecendo nele um olhar sensível e organicista, parcialmente resistindo à matriz internacionalista, como comenta Jacinto Rodrigues (1992, p. 16):



Em Portugal, ainda que com um contexto socioeconómico específico que se manifestava com um advento frágil e tardio do movimento moderno, podemos encontrar nos finais dos anos quarenta esta mesma problemática da arquitetura moderna. Se o racionalismo dos anos 30/40 personificou a luta contra um estilo nacional de um certo sector da ideologia do Estado Salazarista, este movimento moderno ganhou, desde logo, características específicas. O grupo do Porto torna-se mais aberto às ligações com as artes plásticas. Também o inquérito à arquitetura popular em Portugal, que decorreu entre 1955 e 1960, veio oferecer uma vertente vernacular topológica e antropológica.

Essas características históricas, políticas e culturais do ambiente português alimentaram um contexto que possibilitou e alimentou a síntese poética da obra de Álvaro Siza. Segundo Rodrigues, nessa síntese estão implicadas duas balizas, que entretanto, só artificial e paradigmaticamente existem: o polo da Mathesis (o Logos), em que se tem a referência da arquitetura conceitual do moderno, e o polo da Mimesis (Phisis), a qual referencia a arquitetura orgânica (RODRIGUES, 1992, p. 11). Siza apresentaria, desde o início de sua carreira – com a Casa de Chá Boa Nova (1963) e a Piscina das Marés de Leça da Palmeira (1966) –, uma resistência aos enfoques redutores que caracterizavam o *mainstream* moderno. Nessas obras o território já se faz presente desde os esboços, suas especificidades ímpares, na sensibilidade à realidade e às pulsões poéticas do lugar. No primeiro caso, a obra insere-se em um contexto sem criar demasiados ruídos com o entorno. No segundo, percebe-se a resposta projetual linear, quase minimalista do concreto, que se afirma aos entremeios das rochas, da areia e do mar, um contexto orgânico que ressalta a plasticidade visual e tátil do sítio edificado (RODRIGUES, 1992, p. 20).

Rodrigues (1992, p. 17) ainda observa:

[...] este lugar vívido é uma das componentes essenciais da arquitetura de Álvaro Siza. A beleza, a forma, encontra-se na inserção do heterogéneo com o homogéneo. Isto é, os níveis da realidade técnica, programática e do local são autônomos, mas simultaneamente unidos no tratamento de síntese. Impregnam-se mutuamente na forma. A forma plástica é coesão sintética de múltiplo-uno, da triunicidade lugar-estrutura-programa.

A obra de Siza parece, portanto, e desde seus começos, não se orientar por uma perspectiva limitada, que poderia ser etiquetada como uma certa modernidade de corte racionalista e formalista. Entretanto, parece alinhar-se com as considerações expressas por Robert Venturi no livro *Complexidade e contradição em arquitetura* (1995), que marca sua postura resistente ao estilo internacional em prol do



respeito às complexidades da arquitetura e das cidades, defendendo o empirismo em contraposição aos preceitos platônicos e idealistas (RODRIGUES, 1992).

De maneira análoga, em 1983 o arquiteto italiano Vittorio Gregotti, em sua conferência à New York Architectural League, queixava-se de que a arquitetura moderna não levava em conta a ideia de lugar, assumindo um viés tecnicista desterritorializado e respaldado pelo poder econômico, afirmando que pensar em espaços exclusivamente em termos econômicos e técnicos, desconsiderando especificidades do lugar, é um inimigo da arquitetura moderna que precisa ser superado, tendo em vista que o ambiente construído é a representação física da história e qualidades de um lugar, ou seja, uma potente inspiração para propostas projetuais (FRAMPTON, 2015).

### PERCEÇÕES DA AMBIÊNCIA HUMANA

Para falar sobre o ambiente natural e ambiências humanas, dialogaremos com o livro de Ian McHarg, *Design with nature* (1969). O autor relata os anos 1960 de maneira muito precisa quanto às consequências decorrentes da industrialização, das novas tecnologias, do consumismo exacerbado, da atuação de forma errônea perante o meio ambiente, da mudança do estilo de vida da sociedade, entre outros aspectos. O livro considera o ambiente após a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), com a Europa destruída, e como os Estados Unidos, vencedor entre os aliados, lançará um plano com o objetivo de fomentar a reconstrução dos países aliados<sup>1</sup>.

Ao mesmo tempo o “American Way of Life”<sup>2</sup> continuará a imprimir aos países da Europa e do Terceiro Mundo<sup>3</sup> seu modo de vida – que já estava sendo implementado desde à década de 1930 – caracterizado por um consumismo exacerbado de bens como automóveis, eletrodomésticos e roupas, enfim, tudo aquilo que a indústria voltada ao consumo poderia produzir. O desejo de casa própria também seguiu a mesma tendência e, por conseguinte, os países pouco a pouco passaram a aderir aspectos da *pop art* em seu modelo econômico e em suas expressões artísticas.

1 Plano Marshall - Auxílio econômico americano que ajudou a reerguer economias europeias pós-Segunda Guerra. Pensado para amenizar a crise socioeconômica do pós-guerra e para assegurar a influência dos Estados Unidos em áreas estratégicas da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial, o Plano Marshall levou alívio financeiro a economias em falência, entre elas as da Inglaterra, da França, da Itália e da então Alemanha Ocidental. A ajuda foi aprovada pelo Congresso americano e sancionada pelo presidente Harry Truman, em 3 de abril de 1948, e injetou cerca de U\$ 12 bilhões (U\$ 128 bilhões em valores atuais) nas economias europeias. Além do capital, o plano também ofereceu auxílio técnico para reconstrução da infraestrutura dos países arrasados pela guerra. (A esse respeito, consultar a obra de Jaqueline Ganzert Afonso.)

2 Contar a história completa do American Way of Life (ou mais simplesmente do American Way) nos Estados Unidos ao longo do século XX revela insights importantes que contribuem para o nosso entendimento da cultura americana. Lawrence R. Samuel argumenta que desde que o termo foi popularizado na década de 1930, o American Way serviu como a principal mitologia norteadora ou *ethos* nacional dos Estados Unidos. (A esse respeito, consultar a obra de Jaqueline Ganzert Afonso.)

3 Segundo Lowe, em 1970, o Terceiro Mundo era composto pela África, pela Ásia (com exceção da ex-URSS e da China), Índia, Paquistão, Bangladesh, pela América Latina e pelo Oriente Médio. Todos foram colônias ou mandatos de potências europeias e foram deixados em estado não desenvolvido ou subdesenvolvido quando conquistaram a independência. (Sobre o autor, consultar a obra de Norman Lowe, 2016, p. 604.)



Ian McHarg vivenciou o processo de urbanização no período pós-guerra. Ao visitar sua cidade natal Clydebank localizada nas imediações de Glasgow, Escócia, observa a urbanização desmedida, insensível à história, à cultura, ao ambiente natural e ao próprio ser humano. Mais tarde, o contexto histórico observado pelo arquiteto Noah Chasin no documentário *Urbanized* (2011) abordou os mesmos fatos relatados por McHarg na Inglaterra (1950), quanto à periferização de Glasgow, o que evidencia a recorrência desse fato ao longo das décadas que nos separam da Segunda Grande Guerra:

[...] passei quatro anos em Harvard, onde recebi garantias de que era arquiteto paisagista e urbanista profissional. Imediatamente voltei para a Escócia, determinado a praticar minha fé naquele embrulho de trabalho árduo em Clydeside. Voltei para minha casa, para a primeira redescoberta nostálgica e sem pressa dessa terra em mais de uma década. [...] Casas de fazenda de pedra caídas de branco sentavam-se diretamente com seus anexos e árvores velhas marcando os cumes. Cotovias aninhadas no prado, maçarico no arado, doninhas, arminhos e texugos viviam nas sebes; havia faxes vermelhos [...] A mancha de Glasgow havia se movido, consumindo muito e destruindo tudo. Tratava-se de investimento público para um objetivo público perfeitamente necessário, realizado em nome da arquitetura e do planejamento. As razões para morar neste lugar eram manifestas. Realizou muito, ofereceu variedade e prazer. Poderia muito bem ter sido maravilhoso, mas os resultados foram de outra maneira [...] (MCHARG, 1969, p. 3).

O contexto histórico observado pelo arquiteto Noah Chasin no documentário *Urbanized*, em 2011, abordou os mesmos fatos relatados por McHarg na Inglaterra (1950), quanto a periferização de Glasgow, o que evidencia a recorrência desse fato ao longo das décadas que nos separam da Segunda Grande Guerra.

De outra sorte, em Portugal, nas décadas de 1940 e 1950, ocorria um momento singular em sua história – como já mencionado anteriormente por Jacinto Rodrigues – fazendo com que o processo de urbanização desse fôlego ao amadurecimento das premissas que norteariam a composição arquitetônica no tecido urbano e natural. A poética de Siza Vieira diante do lugar pode ser entendida dessa maneira mais ampla. Nesse caso, vale ressaltar sua obcecada procura para abstrair do lugar elementos tangíveis ao projeto, como as especificidades do sítio, às tradições culturais do seu povo (crenças, artesanatos, costumes), os materiais, a luz, a topografia, a morfologia, as preexistências, enfim, o respeito ao *Genius Loci*, o espírito do lugar.

Em entrevista realizada pelo crítico de arquitetura Alejandro Zaera-Polo com Siza, este comenta sobre a necessidade de transpor as amarras tecnicistas



evitando a concepção de um projeto inadequado ao lugar, além de compartilhar seus processos poéticos e percepções temporais – fatores muito relevantes e característicos de sua obra:

[...] uma das coisas que mais me incomodam em algumas de minhas obras são as limitações que as necessidades funcionais impõem à estrutura. Essa identificação radical entre a forma e a função – fruto daquele período tenebroso da história da arquitetura, em parte até fecundo, em que os estudos de ergonomia eram quase uma bíblia – é incrivelmente limitante, por colocar o homem no centro do mundo. [...] Forma e função possuem uma relação complexa e relativa, como a de que falávamos antes, entre local e universal. Não podem ser vistas numa relação linear ou inevitável. [...] Pensar em épocas que se sucedem é necessário do ponto de vista do método de análise, de compartimentação da história. Mas, na realidade, a história é uma presença, nós somos a história também... É muito interessante que existam tantas e diferentes histórias da arquitetura moderna. Acho que isso mostra que, na verdade, não há um princípio, não há rupturas claras e tampouco existe um futuro previsível. O que existe é uma continuidade (ZAERA-POLO, 2018, p. 154, 155, 156).

A partir desse fato, é possível identificar na poética de Siza alguns preceitos firmados por McHarg no livro *Design with nature*. E, também, no livro *Imaginar a evidência*, que reúne uma coletânea de depoimentos de Siza Vieira a Guido Giangregorio. Neste, o arquiteto comenta que “a relação entre natureza e construção é decisiva na arquitetura”, o que para ele seria “como que uma obsessão” (SIZA, 2012, p. 21), a ser compreendida a partir das relações entre os ambientes interiores e exteriores.

A arquitetura de Siza percorre esse contexto e é analisada e ressaltada por Kenneth Frampton a partir dos anos de 1980. O viés do “regionalismo crítico”, como proposto por Frampton, entende que a obra de Siza é muito específica, preconizando o entendimento e o respeito ao lugar natural onde será inserida, em especial à topografia original do sítio, que estaria no cerne da concepção de sua obra.

Essa trajetória profissional de Siza expõe uma miríade de respostas ao momento em que vivemos, como explica Figueira (2008, p. 28-29):

Correndo o risco da simplificação, dir-se-ia que, nos anos 60, Siza cruza abordagens “regionalistas” e elementos de expressão “brutalista”; nos anos 70, reelabora sobre a tradição racionalista, nos anos 80 [...]; até meados dos anos 90, o recurso a tipologias clássicas define uma abordagem assumidamente conservadora, quando não abertamente





historicista, como na intervenção do Chiado em Lisboa (1989). Desde então [...] a obra de Siza tem ganho uma nova fluência compositiva e uma maior tensão experimental, que não são alheias à cultura arquitetônica que nos envolve [...] e demonstram por vezes uma plasticidade que remete para a tradição heroica europeia devorada pela arquitetura moderna brasileira; noutros casos, paradoxalmente, a fragmentação é um mecanismo compositivo recorrente. Por outro lado, ainda em oposição, a fragmentação é também um mecanismo desde sempre próximo de seu *métier*, a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre, 1998-2008) é uma obra extraordinária também porque demonstra a coexistência das duas genealogias: as passagens de betão apelam à memória [...] mas o terreno estreito e longo dá lugar a um conjunto de pequenos volumes recortados e imprecisos. [...] Não abrindo o edifício da Fundação Iberê Camargo ao Rio Guaíba, Siza faz valer a tradição de um certo intimismo de onde parte, que valoriza o encerramento, a parede, a concentração.

Apesar da corrente massificação deste novo século pelo qual também adentra a obra de Siza, esta, segundo Figueira (2008, p. 30), “continua a ser percebida como uma arquitetura de meditação, de balanço, de relação com o contexto e com a história”.

Antagônicos às premissas adotadas por Siza, são os relatos do arquiteto Noah Chasin no documentário *Urbanized* (2011), que trata do período Pós-Segunda Grande Guerra, que abruptamente teria causado um padrão de desenvolvimento que, se foi considerado um avanço no sentido da urbanização das cidades, determinou sua superlotação e posterior expansão periférica (CHASIN, 2011, informação verbal). Essas transformações ocorridas a partir de meados do século XX desencadeariam uma nova ordem social, por sua vez, criticada por vários especialistas, tanto na arquitetura quanto por historiadores, artistas e filósofos.

Quanto aos problemas de cunho urbanístico e social, as questões expostas no documentário *Urbanized* seguem vigentes também nas décadas posteriores aos anos 1960, com o incremento da periferação, rodoviarização, favelizações, poluição ambiental, desrespeito à natureza, crises sociais, incoerências nas políticas urbanas. Pouco mudou no todo, alguma mudança nem sempre foi efetiva – embora seja louvável considerar como muitas obras e estudos seguiram à procura de novas conformações para o meio urbano.

O documentário comenta o caso do High Line Park, projeto de Piet Oudolf, James Corner e Charles Renfro em Nova York, como um exemplo feliz de readequação urbana. Toma-se o percurso urbano abandonado, marginalizado e realiza-se uma requalificação, mantendo suas características temporais, integrando-o ao espaço urbano contemporâneo. Essa é uma atitude projetual que permite a continuação



dos vínculos estabelecidos entre a preexistência e o contexto. Atitude que, ao favorecer a finalidade pública, interliga a comunidade ao urbano, incutindo o sentido de pertencimento ao usuário. O documentário também comenta atitude em prol da urbanidade: o caso da Habitação Social na cidade de Santiago, capital do Chile.

O arquiteto Alejandro Aravena projetou em Lo Barnechea – uma das 32 comunas que compõe a capital – um projeto destinado a instalar cem famílias. Seu diferencial o aproxima, em termos de habitação social, das características observadas na *práxis* de Siza: no Bonjour Tristesse, adequando as habitações dos moradores de origem árabe a seus costumes; na Giudecca em Veneza, ao implantar em um território milenar uma tipologia que assentasse adequadamente a seu entorno, configurando-se sem causar ruído visual; o bairro da Malagueira, em Évora.

A construção da própria casa é sonho e realidade, e essa realidade é difícil de concretizar, não é um processo pacífico. Quando essa relação, intensa e contínua, se verifica, resulta logo muito interessante e nos estimula a pensar na necessidade de que, até na construção da habitação coletiva, existam condições para a participação, a fim de tornar possível a lenta tomada de posse por parte de quem aí for viver. Parece-me importante que inclusive na construção da habitação social se crie uma dimensão de participação e de propriedade que possa dar ensejo a uma apropriação coletiva e não só individual (SIZA, 2012, p. 43).

Parte da obra é entregue com o básico para morar, sendo financiada por trinta anos. A outra parte caberá ao proprietário executá-la, isto possibilitará adequá-la a seu salário, ao que se pretende construir. As duas propostas citadas são louváveis entre tantas outras iniciativas realizadas e possuem características que dialogam com as atitudes projetuais do arquiteto Siza, pois adotam cuidados e especificidades ao lugar, ao tecido urbano, às pessoas, como as adequariam Siza com ações que se lançam como resistência ao cenário mais pessimista. Isso pois fica evidente no documentário que o ambiente urbano está longe de ser o ideal. Foram cerca de 15 países abordados, que reuniram aproximadamente 21 casos, em cidades distintas, em diferentes continentes, com comentários e análises feitas por especialistas das áreas da arquitetura e do urbanismo.

Além das precárias condições de vida apresentadas em algumas comunidades, como foi o caso em Mumbai, na Cidade do Cabo, e nas favelas do Rio de Janeiro, observamos também o caso de Pequim. Apesar de encontrar-se em plena pujança econômica, a China negligencia as condições inerentes à qualidade de vida dos habitantes, pois o “lugar” vivenciado foi totalmente negado, deixado ao esquecimento. O depoimento do arquiteto Yung Ho Chang traz suas impressões:



A Pequim de hoje, quando passo por ela, vejo uma cidade que não reconheço. É uma nova Pequim, mas eu não tenho certeza que eu gosto. Quando eu estava crescendo, a minha família, costumava passear depois do jantar, no verão, normalmente. [...] Esse tipo de sensação de viver em uma cidade que não está mais aqui. Ela se foi. Nos últimos trinta anos, as cidades foram concebidas e desenhadas para ser parte do desenvolvimento econômico, o que está certo, mas eu acho que o fator habitabilidade foi ignorado até muito recentemente (HO CHANG, 2011, informação verbal).

Tem-se a partir das impressões do arquiteto, ao recordar-se de sua juventude “[...] em uma cidade que não está mais aqui. [...]que] se foi [...]” (HO CHANG, 2011, informação verbal), uma narrativa desoladora sobre algo que é preciso ser vivenciado dia após dia.

As cidades contemporâneas já estão repletas de “não lugares”, sem identidade, e pouco a pouco esvaem-se suas referências, sua história. O cidadão menos atento, não talhado para este olhar, sente as consequências por puro empirismo. Cabe, portanto, a pessoa profissional responsável pela arquitetura e pelo urbanismo apontarem os caminhos.

Segundo Norberg-Schulz (1980, p. 18-19):

[...] Na verdade, o homem moderno por muito tempo acreditou que a ciência e a tecnologia o haviam libertado de uma dependência direta de lugares. Essa crença provou ser uma ilusão; a poluição e o caos ambiental surgiram repentinamente como um nêmesis assustador e, como resultado, o problema do lugar recuperou sua verdadeira importância [...].

Christian Norberg-Schulz (1980) escreveu sobre a fenomenologia aplicada a arquitetura, desenvolvendo um trabalho oriundo da fenomenologia heideggeriana, que aborda o sentido de lugar, tanto construído como natural, e de como este se vincula ao ser humano que ali habita. Assim, indica-nos o porquê dos fatos vivenciados desde o Pós-Guerra (1945). Nesse sentido, o teórico da arquitetura norueguês aponta para evidências das adversidades decorrentes do não saber habitar. Ou seja, as implicações decorrentes das desconfigurações dos espaços não tangem somente o lado material, o edifício ou o contexto natural, mas implicará também um processo contínuo de desestabilização emocional das pessoas que, por sua vez, terão menor qualidade de vida, expressão de pertencimento comprometida e mais uma gama de reveses sociais.

Entendemos que a análise fenomenológica reconhece que o ser humano, ao estar em desconformidade com seu habitat (lugar onde vive), passa a não se identificar



nem a se orientar a contento, exaurindo aos poucos os sentidos de pertencimento e liberdade. Para refletir sobre tais questões, o livro *O império ecológico, ou a subversão da ecologia pelo globalismo*, de Pascal Bernadin (2015), traz um discurso muito atual, apesar deste já construir sua retórica a muito.

Ao lembrarmos Goethe (1999, p. 59) (“É evidente que os olhos educados pelas coisas que vê desde a infância e, portanto, os pintores venezianos precisam enxergar tudo com mais clareza e mais do que os outros”), reconhecemos como a educação – não só a formal, mas também a parental – é fundamental para a formação crítica das pessoas, tornando-as capazes de discernir a respeito do que lhes é ofertado.

Em vista disso, é preciso estarmos atentos e ativos para que não nos tornemos espectadores passivos. É fundamental observar de forma crítica o globalismo, considerando os aspectos regionais e locais, em contraponto à massificação mundial. Nesse sentido, a massificação da cultura e dos costumes, ao desprover o cidadão de individualismo e de senso crítico, estará induzindo-o à perda identitária, descaracterizando seu sentido de pertencimento, resultando em espaços urbanos não vivenciados e esquecidos, que retroalimentam a alienação e descaracterização do indivíduo. Reportamo-nos ao princípio do texto, na fala de Paul Ricœur (1968) e, ao mesmo tempo, sobre o caso de Pequim, cujo futuro está em questão, porque a rapidez das mudanças que sofrem talvez não permitam forjar, no momento, uma identidade reconhecível por seus moradores.

A referência de Norberg-Schulz (1980, p. 23) direciona-nos ao entendimento, sob a ótica fenomenológica, de que

A história nos chega de que os objetos de identificação são propriedades ambientais concretas e que a relação do homem com estes é geralmente desenvolvida durante a infância a criança cresce em espaços verdes, marrons ou brancos; anda ou joga na areia, terra, pedra ou musgo, sob um céu nublado ou sereno; agarra e levanta coisas duras e macias; ouve ruídos, como o som do vento movendo as folhas de um tipo particular de árvore; e experimenta calor e frio. Assim, a criança se familiariza com o ambiente e desenvolve esquemas perceptuais que determinam todas as experiências futuras. Os esquemas incluem estruturas universais que são inter-humanas, bem como estruturas localmente determinadas e culturalmente condicionadas. Evidentemente, todo ser humano deve possuir esquemas de orientação e identificação. A identidade de uma pessoa é definida em termos dos esquemas desenvolvidos, porque eles determinam o “mundo” que é acessível. Este fato é confirmado pelo uso linguístico comum. Quando uma pessoa quer dizer quem ela é, é normal dizer: “Eu sou nova-iorquino” ou “eu sou romano”. Isso significa algo muito mais concreto do



que dizer: “Eu sou um arquiteto”, ou talvez: “Eu sou otimista”. Entendemos que a identidade humana é em grande parte uma função de lugares e coisas. [...] (tradução nossa).

Em contraponto, a obra do arquiteto Siza parece se fundamentar em um sentido estético e funcional não pragmático. Por isso, permite ser lida como a confluência de muitas variáveis articuladas, negociando os limites entre o concreto e o abstrato, a razão e a percepção dos lugares vividos. Ele se esmera ao traduzir sua ação projetual na essência dos seres humanos e no respeito às suas manifestações identitárias. Pondera sobre a preservação histórica dos sítios, palcos de suas obras, reafirmando os pressupostos fenomenológicos de que a identidade humana antecede a identidade do lugar, e que, idealmente, as mudanças no ambiente experimentado, vivido, não se deveriam ocorrer de maneira abrupta. Por fim, Norberg-Schulz (1980, p. 180) parece entender que as mudanças ocorridas de fato abruptamente – como nos ambientes urbanos de Pequim e no caso de Glasgow-Claydeside – tendem a direcionar a uma desconformidade no aspecto psicológico das pessoas, por sua vez desencadeando diversos males sociais e, igualmente, aos ambientes urbanos e naturais:

Como um lugar preserva sua identidade sob a pressão de forças históricas? Adaptar às novas necessidades da saúde pública e privada? [...] Temos todos os motivos para acreditar que a alienação humana é tão comum hoje em dia, é em grande medida as possibilidades de identificação oferecidas pelo ambiente moderno (tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos dos livros *Design with nature* (1969) e *O império ecológico, ou a subversão da ecologia pelo globalismo* (2015), bem como o documentário *Urbanized* (2011), abordam cada qual a seu tempo assuntos que expressam o imaginário das cidades, do moderno ao contemporâneo, reincidentes década após década. É preocupante constatar que, apesar da evolução tecnológica – que é um facilitador à tomada de decisões –, o ser humano não consegue transpor seus interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos. É um fato que observamos nas tomadas de decisões administrativas que acabam por prejudicar as finalidades as quais se destinam.

E são a esses cenários que a atitude projetual de Siza parece resistir. Ao tratarmos sobre o enfrentamento do referido arquiteto perante uma norma moderna de projetar, inferimos que sua atuação segue sendo relevante, pois se direciona ao entendimento de abrangência maior dada ao ato de projetar. Ou seja, o espaço arquitetônico de Siza é visto como “lugar” que resiste às universalizações genéricas. Esse lugar, onde se edifica, é vinculado às pessoas, ao ambiente natural e ao ambiente construído. O arquiteto respeita esses entes, que compõem o ambiente



construído, propiciando às pessoas o sentimento de pertencimento, a segurança emocional, o fortalecimento do caráter identitário, a não alienação de indivíduos. Por conseguinte, favorecendo a conscientização a respeito do ambiente em que está inserido.

Sua atitude projetual corrobora a construção de lugares que possam ser vivenciados em toda sua abrangência. Esse posicionamento permite que os problemas, abordados nas três obras aqui mencionadas, sejam minimizados, podendo paulatinamente levar a atingir a possibilidade de ativar soluções mais adequadas. Consoante a abordagem da arquitetura, entende-se ainda que as inúmeras camadas que compõem este palimpsesto são fontes que apreendem o conhecimento e a bagagem cultural de uma civilização. A esse entendimento, o arquiteto e teórico também comenta:

Isso implica que a história da arquitetura é entendida como uma coleção de experiências culturais, que não devem se perder, mas permanecer presentes como possibilidades de “uso” humano (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 180).

## REFERÊNCIAS

BERNARDIN, P. *O império ecológico. A subversão da ecologia pelo globalismo.*

Tradução Diogo Chiuso e Felipe Lesage. Campinas: Vide Editorial, 2015.

FIGUEIRA, J. Ser exato, ser feliz. In: FIGUEIRA, J. (org.). *Álvaro Siza: modern redux.*

Berlim: Hatje Cantz, 2008.

FRAMPTON, K. *História crítica da arquitetura moderna.* 4. ed. São Paulo: Martins

Fontes, 2015.

FRAMPTON, K. *Studies in tectonic culture: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture.* 2. ed. Massachusetts: MIT Press, 2001.

FRAMPTON, K. Towards a critical regionalism: six points for an architecture of

resistance. In: FOSTER, H. (ed.). *The anti-aesthetic, essays on postmodern culture.* Seattle: Bay Press, 1983. p. 16-30.

GOETHE, J. W. von. *Viagem à Itália.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LOWE, N. *História do mundo contemporâneo.* Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

MCHARG, I. L.; AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY. *Design with nature.*

New York: American Museum of Natural History, 1969.

MONTANER, J. M. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade*

do século XX. 1 ed. 9 impr. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.



NESBITT, K. (org.). *Uma nova agenda para arquitetura*. São Paulo: CosacNaify, 2008. (Coleção Face Norte).

NORBERG-SCHULZ, C. *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*. 2nd ed. New York: Rizzoli Internacional Publication, 1980.

RICOEUR, P. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

RODRIGUES, J. *Álvaro Siza: obra e método*. Porto: Américo Fraga Lames, 1992.

SIZA, Á. *Imaginar a evidência*. São Paulo: Estação Liberdade Ltda., 2012.

TRIGUEIROS, L. (ed.). *Álvaro Siza: 1986-1995*. Lisboa: Blau, 1995.

URBANIZED. Direção de Gary Hustwit. Produção de Gary Hustwit. Estados Unidos: PlexiFilm, 2011. 1 documentário (85min). Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1UU5LgxQz\\_8vqSD7MDF6BvD2rr43-BAf1/view](https://drive.google.com/file/d/1UU5LgxQz_8vqSD7MDF6BvD2rr43-BAf1/view). Acesso em: 30 abr. 2020.

VENTURI, R. *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZAERA-POLO, A. *Arquitetura em diálogo*. São Paulo: Ubu, 2018.

